

A mente faz de conta sobre “Brilho eterno de uma mente sem lembrança”

Nelma Medeiros*

Resumo: Comentário sobre a proposição da Nova Psicanálise – *a mente é espelho* –, aproveitando analogias e metáforas do filme *Brilho eterno de uma mente sem lembrança*, de Michel Gondry. Resenha do Estádio do Espelho, de Jacques Lacan, como um caso da tradição psicanalítica de uso da analogia do espelho, comparando seus resultados com a hipótese do Revirão, proposta por MD Magno.

Palavras-chave: estudos da mente; espelho; nova psicanálise

Abstract: Commentary about the New Psychoanalysis' proposition: “*mind is mirror*”, using analogies and metaphors from Michel Gondry's film *Eternal sunshine of the spotless mind*. An abstract of Jacques Lacan's Mirror Stage as an example of the psychoanalytical tradition's use of the analogy of the mirror comparing its results with MD Magno's hypothesis of *Revirão* (reversion / return).

Key-words: mind studies; mirror; new psychoanalysis

Brilho eterno de uma mente sem lembrança é uma boa ficção a propósito do pensamento freudiano. Trata do trauma de existir, da impossibilidade de ‘apagar’ isso e das vicissitudes implicadas nessa condenação. Trata da repetição que funda toda diferença, do anseio de se começar de novo e do entendimento de que o novo emerge do mesmo.

Joel (Jim Carrey) e Clementine (Kate Winslet), namorados que passam do encanto mútuo a discussões típicas de casal, recorrem ao procedimento oferecido pela empresa Lacuna Ltd., de apagar as memórias ligadas à relação que tiveram. Joel decide pelo procedimento ao saber que Clementine o havia feito e descobre, no meio da ‘operação’ – ficção implausível criada pelo esperto Charles Kaufman, que assina o roteiro junto com o diretor Michel Gondry, e Pierre Bismuth –, que quer ficar com as lembranças, ao invés de apagá-las. Boa parte do filme é a tentativa de Joel (em seqüências hilárias), preso ‘dentro’ de seu cérebro, de encontrar um lugar que o

* Doutora em Filosofia (UFRJ). Mestre (UFF) e Bacharel em História (UFRJ). Professora Adjunta do Departamento de Ciências Humanas / UERJ, onde leciona História da Filosofia, História Antiga e História das Tecnologias. Pesquisadora do **...etc.** – Estudos Transitivos do Contemporâneo / CNPq.

ponha fora do alcance do escaneamento cerebral que localiza e apaga as lembranças ligadas à namorada, contando, para isso, com a ajuda da Clementine ‘fixada’ em sua memória. Eles tentam se esconder nas memórias de infância de Joel, ao mesmo tempo que vão evocando (Joel vai evocando) sua própria estória juntos. Não obstante tais esforços, o procedimento é concluído com sucesso. Mas os personagens estão destinados a se encontrarem de novo, pela segunda vez insabidos um do outro, quando então ‘descobrem’ o que lhes aconteceu, dando a entender que tentarão ficar juntos, lidando, quem sabe, de modo diferente com as mesmas questões que os aproximaram e afastaram.

Uma trama paralela, concomitante e entrelaçada à primeira desenrola-se, envolvendo os personagens ligados à empresa Lacuna. São os técnicos Stan e Patrick (Mark Ruffalo e Elijah Wood respectivamente), encarregados do procedimento ‘médico’ que vai apagar as lembranças de Joel, a secretária Mary (Kirsten Dunst) e o Dr. Howard Mierzwiack (Tom Wilkinson), dono da empresa. Mary é apaixonada pelo Dr. Mierzwiack, ‘sem saber’ que já teve suas memórias apagadas justamente por ter tido um caso apaixonado com o médico casado, e que não terminou bem. Patrick se apaixona por Clementine quando ela se submete ao procedimento e tenta conquistá-la imitando seu rival, a partir das informações sobre a estória do casal às quais tem acesso por ser funcionário da Lacuna. Stan tem uma queda por Mary. Os dois bebem, fumam e transam na casa de Joel, enquanto o próprio, ali mesmo, em sua cama, é submetido ao procedimento técnico. Sem o devido monitoramento, a mente de Joel vai logrando esquivar-se, até que um Stan chapado constata que o scanner não detecta mais os sinais da memória a ser erradicada. Mierzwiack é chamado no meio da madrugada e conclui o procedimento. Assistindo a uma discussão na calçada entre o médico e sua mulher – que tinha ido atrás dele – Mary ‘descobre’ seu passado de envolvimento com Mierzwiack e decide divulgar os dados da empresa para todos os clientes que haviam se utilizado dos serviços da Lacuna, devolvendo-lhes suas ‘lembranças’, com o que Joel e Clementine conseguem rememorar seus vínculos.

Uma frase do filme sugere o logro que envolve todos os personagens: “É surpreendente, não? Que presente Howard deu ao mundo”, comenta Mary com Stan. “Permitir que as pessoas comecem de novo. É bonito. Você olha para um bebê e ele é tão novo, tão limpo, tão livre. E adultos.... são um amontoado confuso de raiva, e fobias e tristeza... e desesperança. E Howard simplesmente faz isso desaparecer”. Sem dúvida, eis aí uma fábula que passa pela cabeça de muitas pessoas. É a suposição de que nascemos como uma *tabula rasa* a ser escrita pelas vicissitudes da existência. Mas é mais do que isso. É, no fundo, a velha suposição *moral* (de base rousseauísta – um *pot-pourri* iluminista de filosofia e religião) de que nascemos ‘bons’ e ‘inocentes’, estado que a vida se encarrega de ‘estragar’, nos trazendo infelicidade, sofrimento e mal-estar. Pudéssemos ‘apagar’ tais impressões e seríamos livres para começar tudo novamente (como se crê que acontece ao nascer).

O que o pensamento freudiano tem a dizer sobre isso? A propósito do filme de Gondry e Kaufman, elaboramos este pequeno artigo como oportunidade para

apresentar em linhas gerais os princípios de uma linhagem contemporânea da psicanálise representada pelo trabalho de MD Magno, psicanalista brasileiro cuja obra comemorou, em 2006, trinta anos de produção pública, em seus Seminários e Falatórios. Buscaremos mostrar como a hipótese freudiana do Inconsciente como originariamente pulsional (a Mente ou Cérebro a que nos referiremos a seguir mediante a conhecida analogia da *máquina inconsciente*) pode contribuir para o entendimento de perguntas e anseios como os que o filme *Brilho eterno de uma mente sem lembrança* ajuda a traduzir. Chamamos atenção sobretudo para a metáfora do ‘apagamento’ das lembranças, esperando formular, em nível teórico, uma maneira eficaz de situar este ‘problema’.

O Revirão

Partimos de uma constatação: somos seres tecnológicos, isto é, habitamos o mundo mediante operações de transformação ou metamorfose que envolvem gosto e apreciação estética. Estamos habilitados mentalmente para isso. O rastro que deixamos no universo, do simples artefato de pedra, madeira ou osso à sonda espacial, com todos os saberes desenvolvidos e acumulados em e para isso, indicia tal poder de transformação. A variedade de usos, formas, aplicações ou funções dos artificios produzidos, em seus inúmeros graus de simplicidade e sofisticação, testemunham motivações e interesses que ultrapassam seus registros mais imediatos, sejam eles de ordem individual ou social.

Tampouco há descontinuidade entre o que fazemos e o mundo físico que nos rodeia. Se estamos mentalmente habilitados para a transformação do que quer que compareça, é plausível a hipótese de que há, de alguma maneira, compatibilidade entre os sistemas de informação que nos estruturam, gerando transitividade entre o princípio transformador, os meios de operação e o material transformado. As impossibilidades de ação com as quais nos deparamos – todos os constrangimentos a que nosso formato biológico está submetido, por exemplo – são efeitos sistêmicos, isto é, efeitos de seletividade e parcialização, que distinguem, separam e opõem as coisas entre si. Nesse sentido, os artificios que produzimos são chaves de dissolução de tais barreiras, não deixando, por outro lado, de ser eles mesmos constituintes de novas ordenações e seleções.

Propomos aqui uma hipótese para esta habilidade de artificialização: nosso repertório artístico emerge de uma função de simetrização, que chamaremos função catóptrica da Mente, seguindo a hipótese de MD Magno¹. Segundo esse modelo, a Mente é concebida como máquina que espelha ou *revira* as funções que lhe comparecem, produzindo, por isso, o repertório infinito de artificios com que convivemos há milhares de anos. E mais, esse modelo dá destaque à função de

¹ Remetemos o leitor aos Seminários e Falatórios de MD Magno publicados desde 1977 pela Editora Tempo Brasileiro, outra Editora e Imago Editora e, mais recentemente, pela NovaMente Editora. Cf.: www.novamente.org.br e www.novamenteditora.com.br.

reversão, avessamento ou revirão de que o cérebro é capaz como sendo a função originária que teria tornado possível a emergência de linguagem, pensamento simbólico, arte, técnica e suas transcrições sociais e comportamentais.

Sendo, portanto, em primeira instância, máquina de reversão ou revirão, a Mente é a competência de articular as informações recebidas no regime de sua enantiose, vale dizer, no regime de pura e simplesmente efetivar a função contrária do que comparece. Por enantiose entenda-se: a operação de avessamento de toda e qualquer formação, que nossa mente é capaz de cogitar, por ser competência de propor a formação reversa. Assim, por exemplo, se imitamos o ‘outro’ é porque a função revirão opera avessando o que comparece como ‘externo’ em ‘interno’: faço o que o ‘outro’ faz diante de mim porque sou capaz de virar ao avesso a articulação que se me apresenta, a máquina fazendo como ‘seu’ o que lhe comparece recortadamente como sendo ‘outro’. Nesse sentido, a função catóptrica da Mente indiferencia as barreiras sistêmicas que recortam e constroem as noções ligadas ao jogo da alteridade.

Vejamos um exemplo do que supomos ser um deslocamento radical dado pela hipótese do Revirão às explicações disponíveis no próprio campo psicanalítico acerca do funcionamento da máquina inconsciente. Referimo-nos à proposição lacaniana do estádio do espelho (Lacan, 1998: 96-103), peça conceitual importante nas primeiras elaborações do ‘sujeito do inconsciente’, tal como entendeu Lacan, no âmbito de sua releitura de Freud nas décadas de 1940-1960. Conhecedor das pesquisas em etologia – a obra lacaniana desse período é contemporânea da ‘segunda geração’ dos etólogos objetivistas, que teve em Konrad Lorenz seu principal teorizador (Vieira, 1983: 30) –, Lacan pretendeu fornecer um esquema explicativo da função do ‘eu’ que incluísse o problema neo-darwinista da imagem do corpo na organização das relações do organismo com o ambiente, tendo em vista a otimização dos comportamentos de reprodução. Tratava-se de reconhecer os mecanismos subjacentes aos vínculos etogramáticos. Podemos citar como exemplo o fenômeno da impregnação e suas conseqüências para o desenvolvimento dos jovens animais e seu comportamento na idade adulta, notadamente em suas aproximações sexuais (*Idem, ibidem*). Ou ainda a questão, problemática e específica dos humanos, de uma integração das funções motoras – unificação e identificação de uma imagem do corpo próprio – prematuramente dada na experiência especular, mediante a qual a criança, em “azáfama jubilatória” (Lacan, 1998: 97), teria organizada ludicamente a forma total do corpo, emparelhada projetivamente, como em uma gestalt, com a imagem especular, que lhe serviria de sinal construído disparador do processo de formação da *imago*.

Ora, Lacan propõe o ‘estádio do espelho’ como momento lógico de instalação da matriz simbólica do sujeito, antes ainda que a palavra o situe no universo dos falantes. Como isso se daria? Mediante o processo identificatório disparado pela experiência do espelho – através da qual o sujeito se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo –, articulado à infinitização das identificações que o sujeito

constrói pela entrada no processo simbólico, ordem ficcionante por excelência, por estar subdita à linguagem, análogo do empuxo libidinal (Lacan, 1988: 71). A máquina inconsciente, segundo o esquema lacaniano, seria portanto tributária de um mecanismo gestáltico disparador da formação do ‘eu’ como unidade coerente imaginária projetada enquanto ‘outro’ especularizado, submetida à impossibilidade de assentar em definitivo essa polarização, que é sempre não-simétrica² em função de tal processo já ocorrer inserido na ordem simbólica, que retroativamente situaria o sujeito como lugar de alteridade ou diferença radicais, para o qual nenhum selo cabe com conforto.

A hipótese do Revirão faz economia do imaginário e do simbólico lacanianos na explicação da máquina inconsciente, pois entende que toda função de alteridade, em qualquer nível, é entendida, suscitada ou produzida pela competência de simetrização que nos é dada. Assim, voltando ao esquema de Lacan, a lógica da máquina inconsciente não está assentada sobre o sujeito (especulante) que emerge da precipitação da imagem (especulado), sem a qual o especulante não teria sacado a própria operação reflexiva. Ao contrário, é porque há *reflexão*, isto é, *função catóptrica*, em nível mental, que se reconhece o quê? O espelho enquanto tal. Em outras palavras, é porque a máquina é *reflexiva*, que a ‘imagem do corpo’ e os corolários da função do ‘eu’ são construídos. Assim, a ‘azáfama jubilatória’ do infante no estádio do espelho não é senão reconhecimento de ser ele próprio reflexivo. De tal modo que

o que talvez seja motivo de júbilo para a espécie é o fato de haver reconhecimento do processo reflexivo no nível geométrico, digamos assim, catóptrico, enquanto reconhecimento desse fenômeno como homológico ao que nela está inscrito, por razões de espécie, como catoptria interna. Ou seja, sem a menor consciência, porque isto não é necessário, o grande júbilo do Estádio do Espelho é esse *estalo* de sacar, para além da coagulação do corpo despedaçado, para além do assentamento daquela imagem do lado de cá, que aí está vazio, o fato da coincidência, da tiquê, do encontro da catoptria reconhecida visualmente no espelho com a catoptria interna da espécie. Ou seja,

² “O corpo despedaçado encontra sua unidade na imagem do outro, que é sua própria imagem antecipada – situação dual onde se esboça uma relação polar, mas não-simétrica. Essa dissimetria nos indica já que a teoria do eu na psicanálise não se liga, de modo algum, à concepção sábia do eu que, ao contrário, vai ao encontro de uma certa apreensão naïve da qual disse a vocês que seria o próprio da psicologia, datável historicamente, do homem moderno” (Lacan, 1978: 72). Ver também *Formulações sobre a causalidade psíquica* (op. cit., p. 179-193), em que Lacan, fiel à metapsicologia freudiana, defende a “estrutura fundamental da loucura” como originária do psiquismo, na qual estão ligadas, “no limiar do desenvolvimento psíquico”, a relação da imagem ou a formação do Eu como essencialmente alienado, e a “tendência suicida”, isto é, o *instinto de morte*, que é como traduz Lacan nesse momento a pulsão de morte freudiana (Cf. também: Silveira Jr., 2006).

de que *eu* sou tão reflexivo quanto o espelho o é (...). É esse espelho interior que a fisiologia e a anatomia procuram (Magno [1988]: 31)³.

A mente faz de conta

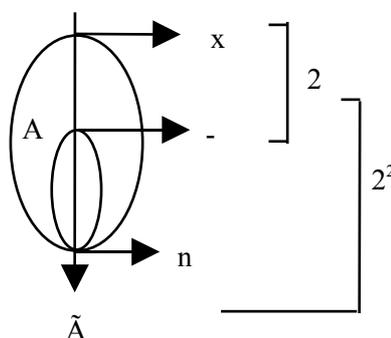
Nosso trauma é estar no mundo, sem possibilidade de evasão definitiva. É daí que parte o pensamento freudiano. Cremos encontrar a ressonância disso em *Brilho eterno de uma mente sem lembrança*, que faz, de modo bem-humorado, a ficção de que haveria saída para o mal-estar se simplesmente pudéssemos rasurar em definitivo as lembranças indesejadas. À luz da hipótese da Nova Psicanálise, poderíamos dizer que o ‘brilho eterno’ da Mente é sua competência de neutralização das polaridades ou diferenças comparecentes pela função catóptrica de a tudo cogitar avessamento, fazendo do Inconsciente não uma máquina em *tabula rasa*, mas sim uma máquina de *arrasamento da tabula* (Magno [2005]: 18), processador “heterofágico” a que tudo convém e onde todos os valores se equalizam, restando equacionar os fatores de ‘resistência’, ‘censura’, suposição de apagamento ou ‘recalque’ – para usar alguns termos freudianos – que limitam, sem eliminar completamente, tal poder de indiferenciação. Avancemos um passo na exposição de nosso modelo para ajustá-lo com mais precisão, levando em conta o que de ‘freudiano’ ele suporta.

Quando afirmamos que o Inconsciente é máquina de Revirão estamos considerando que há função catóptrica como repetição de um princípio alucinatório constitutivo da Mente. Se a base pulsional do inconsciente é de ser levada a sério, o ponto de partida do pensamento psicanalítico é de que o que nos empuxa é desejo, “função *pulsativa* do inconsciente”, “necessidade de desvanescimento que lhe parece ser de algum modo inerente” (Lacan, 1988: 46) ou, como sintetizou MD Magno, *Haver desejo de não-Haver*, modo de formular a mesma e única pulsão de morte freudiana ordenadora de qualquer outra pulsão recortada e nomeada pelos teóricos do campo psicanalítico (a começar pelos dualismos conceituais do próprio Freud, como pulsões

³ Todas as contribuições das ciências cognitivas e das neurociências são bem-vindas para progressivamente desvendarmos a dinâmica mental. Nesse sentido, o aporte original da Nova Psicanálise parece estar em conexão com as mais recentes hipóteses acerca dos neurônios-espelho, antecipando-as em quase duas décadas (Magno 2006). Por exemplo, segundo V. S. Ramachandran, estes neurônios seriam parte de uma rede que permite ver o mundo ‘desde o ponto de vista de outras pessoas’, dissolvendo as barreiras entre eu e outro, e que, segundo a hipótese desse mesmo neurocientista, estão na base da emergência de habilidades únicas entre humanos, como proto-linguagem (facilitada pelo mapeamento de fonemas no movimento dos lábios e língua), empatia, capacidade de ‘ler’ mentes, antecipar comportamentos e superá-los, dando um golpe de morte no velho debate natureza x cultura (*nature x nurture*), à medida que mostraria como o cérebro humano especializou-se para a cultura, ‘tornando-se o órgão da diversidade cultural por excelência’ (Cf. Ramachandran, 2006 e 2000).

do ego, pulsões sexuais ou pulsão de vida, incluindo as pulsões parciais de Lacan e sua anotação algébrica como objeto *a*).

Assim, a Mente (que Há) é regida por um princípio de catoptria que alucina sua extinção (não-Haver) como requisição de simetria absoluta que, impossível de ser levada a cabo – gozar da morte ou da destruição –, impõe à máquina sua reversão, para o outro mesmo lado do Espelho. Ampliando a analogia topológica do Inconsciente proposta por Lacan, MD Magno construiu o modelo do Revirão, fazendo uso da lógica reversiva da banda de Moebius⁴:



Sobre a superfície uniface da banda de Moebius (desenhada acima como oito interior ou projeção gráfica de seu percurso longitudinal) podemos inscrever as diferenças ($x/-x$) passíveis de neutralização (ponto terceiro onde os valores de $x/-x$ se equivalem). Mas interessa à psicanálise sobretudo aí anotar a vontade de simetria absoluta (pulsão de morte ou desejo de não-Haver: $A \rightarrow \tilde{A}$), condição de possibilidade de toda reversão factível. É esta, por excelência, a função lógica do Espelho: para além das reversões que aí se operam – porque a Mente é função de catoptria –, ser função alucinatória de gozo de uma simetria que não há, polaridade que chamaremos de *segunda potência*, tal como anotada no esquema (2^2), expressa na fórmula Haver (A) desejo (\rightarrow) de não-Haver (\tilde{A}).

Donde situarmos o trauma – aquele mesmo que Freud nomeara princípio de castração e que Lacan situara na origem da experiência analítica como forma insistente e inassimilável do real – como *quebra de simetria*, decepção fundamental à qual reportar, em percurso de análise infinita, nossas menores decepções que gostaríamos de ver apagadas. Quebra de simetria que funda e demanda o novo, pela mesma decepção condenada a se repetir. Quebra de simetria que repercute em todas as demais simetrias que comparecem e operamos, marcando-as com sua artificialidade originária e tornando toda arte ou tecnologia seu testemunho e rastro. Horizonte do factício, parafraseando Lacan, a que a psicanálise reporta toda criação (humana) e que Gondry e Kaufman tão bem capturaram, não apenas pela

⁴ Cf. (Magno [1982]), em que é apresentada formalmente, pela primeira vez, a hipótese do Revirão. Cf. também a produção subsequente do autor, com destaque para ([1999] e [2000/2001]).

equivalência construída entre os recursos da técnica e de sua inscrição ‘cerebral’ e afetiva, como também pelo entendimento – que coube ao personagem Joel explicitar – de que as marcas que carregamos são nosso material de existência e não há metamorfose sem entendimento disso.

Referências

GONDRY, Michel. *Brilho eterno de uma mente sem lembrança*. EUA: Filme, 2004. Título original: *Eternal sunshine of the spotless mind*.

LACAN, Jacques. “O estádio do espelho como formador da função do eu”. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 96-103

_____. “Formulações sobre a causalidade psíquica”. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 179-193

_____. *O Seminário, livro XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

_____. *Le Séminaire, livre II: Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1978.

MAGNO, MD. *Neurônios-espelho: o Revirão no cérebro*. Lumina: Revista do PPGCOM / UFJF, vol. 1, no. 1, junho 2006. Disponível em: www.ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina

_____. [2005] *Clavis Universalis: da Cura em Psicanálise ou Revisão da Clínica*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007.

_____. [2000/1] *Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003.

_____. [1999] *A psicanálise, novamente: um pensamento para o século II da era freudiana*. Conferências Introdutórias à Nova Psicanálise. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004.

_____. [1988]. *De Mistério Magno: a nova psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1990.

_____. [1982] *A Música*. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986.

RAMACHANDRAN, V. S. “Mirror neurons and the brain in the vat” (2006)

In: <http://www.edge.org/documents/archive/edge176.html>

_____. “Mirror neurons and the imitation learning as the driving force behind ‘the great leap forward’ in human evolution” (2000)

In: <http://www.edge.org/documents/archive/edge69.html>

SILVEIRA Jr. Potiguara Mendes da. Causalidade psíquica hoje: sobre a prática da psicanálise. In: *Artificialismo Total. Ensaios de Transformática. Comunicação e Psicanálise*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. p. 155-167

VIEIRA, António Bracinha. *Etologia e Ciências Humanas*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983.